

A Sequência Didática como Proposta para Trabalhar a Variação Linguística em Sala de Aula

The Didactic Sequence as a Proposal to Work the Linguist Variation in the
Classroom

Angela Maria de Jesus Sena Oliveira¹
<https://orcid.org/0000-0002-3890-4342>

Jucélia de Oliveira Borges Ribeiro²
<https://orcid.org/0000-0003-3339-4942>

Resumo

Este trabalho pretende mostrar um ensino de língua portuguesa voltado para a variação linguística e ao combate do preconceito linguístico por meio da aplicabilidade da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A noção de “certo” e “errado”, usada cotidianamente, contribui para reforçar o preconceito, porque dissemina a ideia de que o aluno não sabe falar o português. Através da sequência didática e de estudos da sociolinguística, pretendemos combater esse tipo de pensamento e mostrar que todas as variedades, sejam elas regionais (diatópicas) ou sociais (diastráticas), precisam ser respeitadas e valorizadas por todos. Com certeza, soluções imediatas são utópicas, porém conscientizar os alunos sobre as variedades sociais e/ou das diversas regiões do Brasil é um caminho possível. Com o objetivo de desconstruir o preconceito linguístico presente entre os alunos, elaborou-se uma sequência didática, na qual foi trabalhado o gênero conto maravilhoso com uma turma do 6º ano da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello- em Lucas do Rio Verde-MT.

Palavras-chave: Sequência Didática, Variedade Linguística, Preconceito Linguístico.

Abstract

This essay intends to show a Portuguese language teaching aimed at linguistic variation and the fight against linguistic prejudice through the applicability of the didactic sequence by Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). The notion of "right" and "wrong" used daily, contributes to reinforce the prejudice, because they spread the idea that the student doesn't know to speak Portuguese. Through the didactic sequence and sociolinguistics studies, we intend to combat this type of thinking and show that all varieties, whether regional (diatopic) or social (diastratics) must be respected and valued by all. Certainly, immediate solutions is a utopia, but bring to students' attention the varieties of the different regions of Brazil is a possible way. In order to deconstruct the linguistic prejudice present among the students, a didactic sequence was elaborate, in which it was worked the fantastic tale genre with a 6th grade of Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello- Lucas do Rio Verde-MT.

Keywords: Didactic Sequence, Linguistic Varietie, Preconception Linguistic.

¹ Pós-graduanda (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UNEMAT-Sinop-MT). E-mail: angela.j.sena@hotmail.com.

² Pós-graduanda (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UNEMAT-Sinop-MT). E-mail: ju.celiaobri@hotmail.com.

Introdução

O referido artigo faz parte da disciplina Gramática, Variação e Ensino do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), com o objetivo de mostrar algumas práticas em sala de aula por meio da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A turma escolhida foi o 6º ano da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello, em Lucas do Rio Verde-MT.

O gênero escolhido foi o conto maravilhoso. A sequência didática foi desenvolvida com o intuito de mostrar aos alunos as variedades linguísticas existentes nas várias regiões do Brasil e no meio em que eles vivem também, fazê-los refletir que a língua é viva, heterogênea e muda conforme a sociedade se transforma. Buscamos mostrar aos estudantes que a variedade que ele possui não é inadequada, porém é rica, peculiar e precisa ser valorizada.

Procuramos ainda demonstrar a importância da norma culta utilizada no gênero escolhido, que é a norma de prestígio que a sociedade exige, contudo cabe ressaltar que essa norma também não é homogênea e sofre mudanças com o passar do tempo, conforme (GORSKI e COELHO, 2009 p. 75), “Como faz parte da língua em uso por indivíduos historicamente situados, a norma culta não é homogênea, mas também está sujeita a variações e mudanças”. Porém, os principais objetivos do trabalho são a valorização das variedades linguísticas e o combate ao preconceito linguístico.

Os aportes teóricos utilizados neste trabalho foram pautados em Bagno (2007), Gorski e Coelho (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Base Nacional Comum Curricular (2017) e Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

A variação linguística na sala de aula

A língua é heterogênea e mutável, é patrimônio cultural de um povo. É por meio dela que nos comunicamos, refletimos e mostramos para a sociedade através do discurso quem somos, a que classe, grupo ou região pertencemos. A língua pode libertar, mas também pode aprisionar e servir como fonte de preconceitos. Ao construir o seu discurso, o cidadão usa a variedade que está acostumado e isso pode gerar algum desconforto dependendo do contexto, como demonstra Bagno (2007),

No entanto, fora do círculo restrito da pesquisa científica, a diferença entre os menino veio e os meninos vieram provoca sérias e profundas divisões entre as pessoas, põe em ação uma escala de avaliações e julgamentos que opera com preconceitos, discriminações, humilhações e muito frequentemente com a exclusão social. (BAGNO, 2007, p. 59).

Pelo olhar da sociolinguística, por sua vez, não existe “certo” ou “errado”, mas diferenças entre os vários falares, nas diferentes regiões do Brasil, nos diferentes grupos sociais e culturais. A sociolinguística é a ciência que estuda essas transformações da língua e a noção de “erro” nada tem a ver com elas. A sociedade por meio de cidadãos considerados escolarizados e pertencentes à minoria privilegiada construiu historicamente o conceito de “erro” na língua. Para Bortoni-Ricardo (2004),

Em todo esse caos, estamos diante de diferenças e não de ‘erros’. A noção de *erro* nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.8).

A família, a escola e os amigos, esses são os ambientes nos quais as crianças começam a desenvolver o seu processo de socialização, podemos chamar esses ambientes de domínios sociais. A escola desempenha um papel importante neste processo, é aqui que a criança tem a oportunidade de desenvolver plenamente a capacidade da linguagem, de socializar o que ela já traz de conhecimento linguístico de seu convívio familiar. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 23), “Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando papéis sociais próprios de cada domínio”.

A partir desse momento o professor de língua portuguesa precisa exercer sua função com muito cuidado e maestria, pois é ele o principal responsável em fazer com que o aluno apreenda o sentido da língua, que não é somente decodificações, regras ou conceitos sem sentidos, que em nada acrescentam ao seu conhecimento. Infelizmente, o que observamos nas escolas é um professor que não possui formação adequada para trabalhar a sociolinguística e acaba por transmitir o conhecimento da gramática tradicional que ele aprendeu quando aluno ainda era. Isso acaba sendo um problema para o ensino da língua, pois:

Outro problema sério da gramática tradicional - sem dúvida o mais grave - é o seu foco de interesse que é extremamente restrito. Todo o aparato de conceitos, definições e instrumentos de análise que ela oferece se limita ao

estudo da frase: o ponto final da frase escrita é o ponto final da análise gramatical. (BAGNO, 2007, p. 66).

Na verdade, é preciso ensinar gramática na escola, mas aquela gramática que estuda sem preconceitos o funcionamento da língua, que faça o estudante refletir e fazer uso da linguagem, para que ele tenha a capacidade de produzir textos orais e escritos coerentes e coesos. A escola tem a função de permitir ao aluno aprender a norma de prestígio e construir o conhecimento gramatical, porém sem deixar de dizer e conscientizar que a variedade que ele usa também é importante. Para Bagno (2007),

Mas se por gramática entendermos o estudo sem preconceito do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de textos falados e escritos, portadores de um discurso, então definitivamente é para ensinar gramática, sim. Na verdade, mais do que ensinar, é nossa tarefa construir o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem de gramática da língua e como é importante se conscientizar desse saber para a produção de textos falados e escritos, coesos, coerentes, criativos, relevantes etc. (BAGNO, 2007, p. 70).

O respeito pela variação linguística como fenômeno de mudança da língua é algo que merece destaque na vida dos alunos, pois se não bem trabalhada poderá gerar preconceito. Essa reflexão é tão importante que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) faz referência à necessidade de se tematizar as variedades de prestígio e também as estigmatizadas:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p. 158).

Ainda, de acordo com os objetivos da BNCC (2018, p. 87) em Língua Portuguesa, é importante para o aluno “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”.

Para trabalhar sobre a importância da variação linguística e combate ao preconceito, foi desenvolvida a sequência didática com o gênero conto maravilhoso. Foi escolhido o conto, pois ele transmite a arte de contar histórias, de representar a realidade através da imaginação, é uma narrativa curta e que conquista os leitores. Ele instiga, faz refletir e faz o leitor mergulhar no mundo do narrador. A BNCC (2018) também mostra

como é importante o aluno saber criar textos ficcionais, observando os elementos que o compõem como: tempo, espaço, enredo, personagens, narrador, saber utilizar os tempos verbais, assim como os tipos de discursos.

Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (BRASIL, 2018, p. 169).

Através deste gênero, ensinamos sobre a variedade linguística das diversas regiões brasileiras para os alunos, pois “É importante trabalhar explicitamente com essa realidade da sala de aula, enfatizando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades e combatendo preconceitos entre os próprios alunos” (GORSKI e COELHO, 2009, p. 84).

Procuramos, no decorrer da sequência, enfatizar a importância do domínio da norma culta da língua, não no sentido de o aluno desprezar a sua variedade de origem, mas para que ele saiba se comunicar nas diversas situações em que a sociedade o exige. A escola precisa ensinar ao aluno a capacidade de saber se comunicar tanto na sua variedade, quanto no uso da norma culta.

Importante salientar: a escola deve ensinar a norma culta, não no sentido de exigir que o aluno substitua uma norma (a dele, vernacular) por outra, mas sim no sentido de capacitá-lo a dominar uma outra variedade para que possa adequar seu uso linguístico a diferentes situações. Usar apenas o dialeto padrão nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão inadequado (ou disfuncional) quanto usar apenas o vernáculo (seja ele estigmatizado ou não). Em suma, o papel da escola é oferecer condições para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa. (GORSKI e COELHO, 2009, p. 84).

O uso da língua precisa ser para o aluno um suporte para a inclusão social e não à exclusão. Ele precisa saber utilizá-la nas diversas situações comunicativas, conhecer e valorizar a sua variedade e saber usar também a norma culta, quando assim for preciso.

A Sequência Didática

A sequência didática consiste em um planejamento de atividades que visem alcançar os objetivos almejados no início do processo. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) afirmam que “Uma “sequência didática” é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

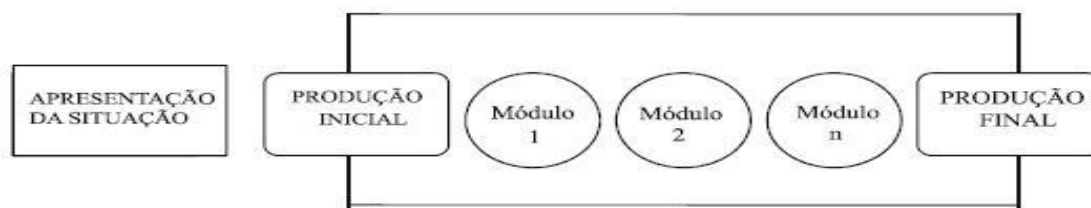
A sequência didática tem por objetivo ajudar o aluno no domínio de um certo tipo de gênero textual, oportunizando-o comunicar na oralidade ou na escrita, de maneira eficaz, em qualquer situação comunicativa. O professor precisa trabalhar com um gênero que o aluno não domina ou o domina de maneira insuficiente:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente [...]. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Toda sequência didática inicia-se com a apresentação da situação para os alunos. Neste momento é descrita de forma detalhada a proposta de atividades orais ou escritas que eles desenvolverão. Logo depois, eles elaborarão a primeira produção, que corresponderá ao gênero que será trabalhado.

A partir daí, o professor terá condições de avaliar as habilidades já adquiridas pelos alunos e também suas principais dificuldades. O professor poderá, então, elaborar atividades para trabalhar as inadequações mais recorrentes na turma e fazer com que os alunos desenvolvam capacidades necessárias para dominarem o gênero trabalhado. Nos módulos que serão constituídos, os alunos vão desenvolver as atividades que servirão de instrumentos para esse domínio. Na produção final, os estudantes colocarão em prática os conhecimentos alcançados.

Para a realização deste trabalho, foram seguidas as etapas modulares da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como mostra o esquema abaixo:



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Proposta de ensino

Este trabalho propõe o ensino da variação linguística por meio da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), utilizando-se o gênero conto maravilhoso como suporte. Foram abordadas as variações regionais e sociais. Explicamos sobre a estrutura do conto maravilhoso e buscamos, através da produção textual, unir este gênero às variações linguísticas das regiões brasileiras, no intuito de combater o preconceito linguístico.

Procedimentos didáticos

Fase: 6º ano

Conteúdo: Variação linguística: gênero conto maravilhoso e atividades de releitura.

Objetivos:

- ❖ Combater o preconceito linguístico.
- ❖ Produzir textos narrativos.
- ❖ Conhecer o gênero conto maravilhoso.
- ❖ Conhecer a diferença entre contos de fadas e contos maravilhosos.
- ❖ Desmistificar a noção de “certo” e “errado”.
- ❖ Conhecer as variedades linguísticas regionais e sociais.
- ❖ Estimular a leitura.
- ❖ Estimular o trabalho em grupo.
- ❖ Refletir sobre a cultura e linguajar regional.

Materiais utilizados: quadro negro e giz, notebook, projetor multimídia, caixa de som, textos impressos, lápis, borracha, caneta, lápis de cor.

A sequência didática

Apresentação da proposta: (2 aulas)

Conversar com os alunos informalmente, indagando-os sobre o que esperam aprender nas aulas de língua portuguesa e se sabem o que é uma sequência didática. Em seguida, apresentar-lhes a proposta, a qual culminará na escrita de um gênero específico.

Neste momento, a turma é estimulada a expor seus conhecimentos acerca do gênero conto maravilhoso. Foram lançadas perguntas como: Vocês sabem o que é um conto? Quem sabe o significado da palavra “maravilhoso”?

Levantamento dos conhecimentos prévios

Buscar definir com os alunos o que é conto e o quanto eles conhecem do gênero que será estudado. Registrar na lousa suas respostas. Abaixo algumas respostas dos alunos:

- ❖ Histórias ficcionais;
- ❖ Histórias que o povo conta;
- ❖ Histórias que acontece algo mágico;
- ❖ Final feliz;
- ❖ Príncipe e princesa se casam no final.

Produção inicial

Para este momento, foi proposto aos alunos escreverem um conto maravilhoso, a partir do levantamento dos conhecimentos prévios que tinham a respeito do gênero conto e da palavra “maravilhoso”. Abaixo seguem algumas produções iniciais dos alunos:

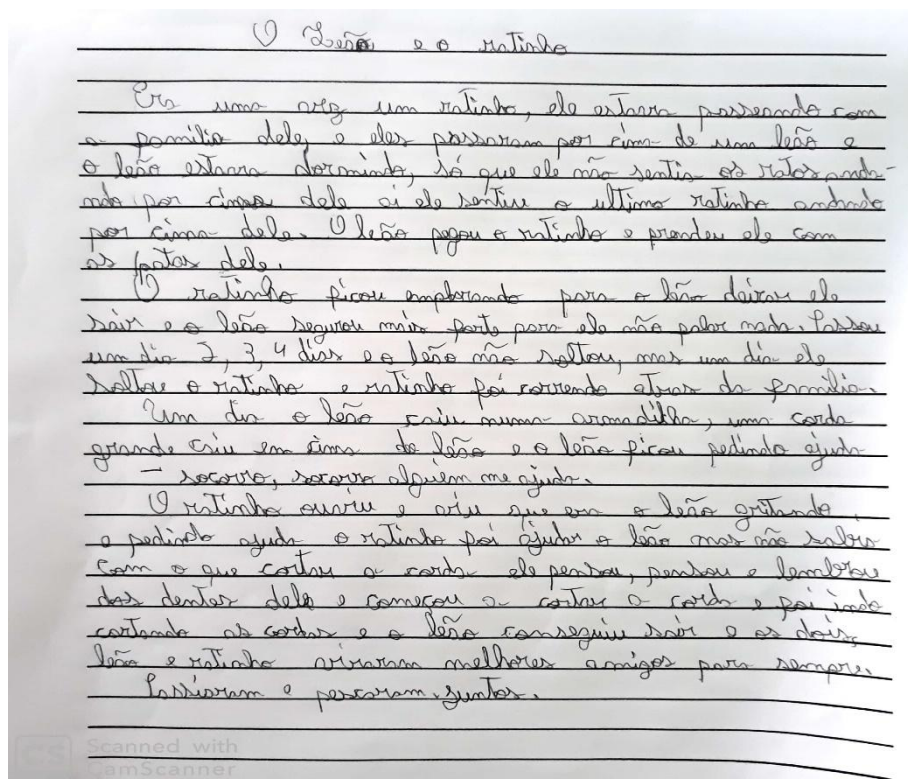


Imagem 1: O Leão e o ratinho.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

Na imagem 1, o aluno produziu uma fábula já conhecida. Observamos que ele inicia o texto com “Era uma Vez”, situando a fábula num tempo impreciso. Fica nítido que ele conhece a estrutura da fábula, sabe que as personagens são animais e atribui-lhes características humanas, como a coragem e a compaixão.

Na imagem 2, a aluna reproduziu a história da Rapunzel. Ela usou como referência o filme da Disney “Enrolados”, quando descreve em seu texto a flor mágica, a bruxa que roubou a princesa, o cabelo da Rapunzel ter o poder de curar, as lanternas flutuantes etc. Elementos esses que aparecerem particularmente no filme. Porém, ela não terminou a história, ficando o final incompleto.

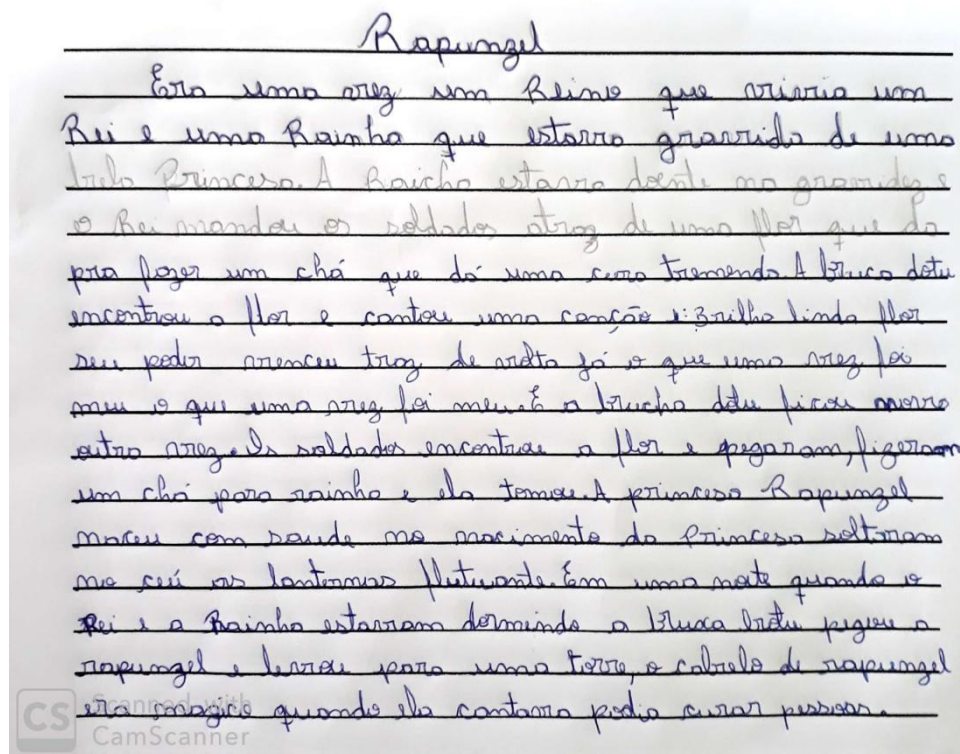


Imagem 2: Rapunzel.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras

Na imagem 3, a aluna escreve sobre a *Bela Adormecida*, ela mistura a história do clássico com a história do cinema. Observa-se que a aluna constrói sua narrativa com base na versão tradicional dos livros de contos de fadas, o que destoa é a personagem *Malévola* presente somente no filme.

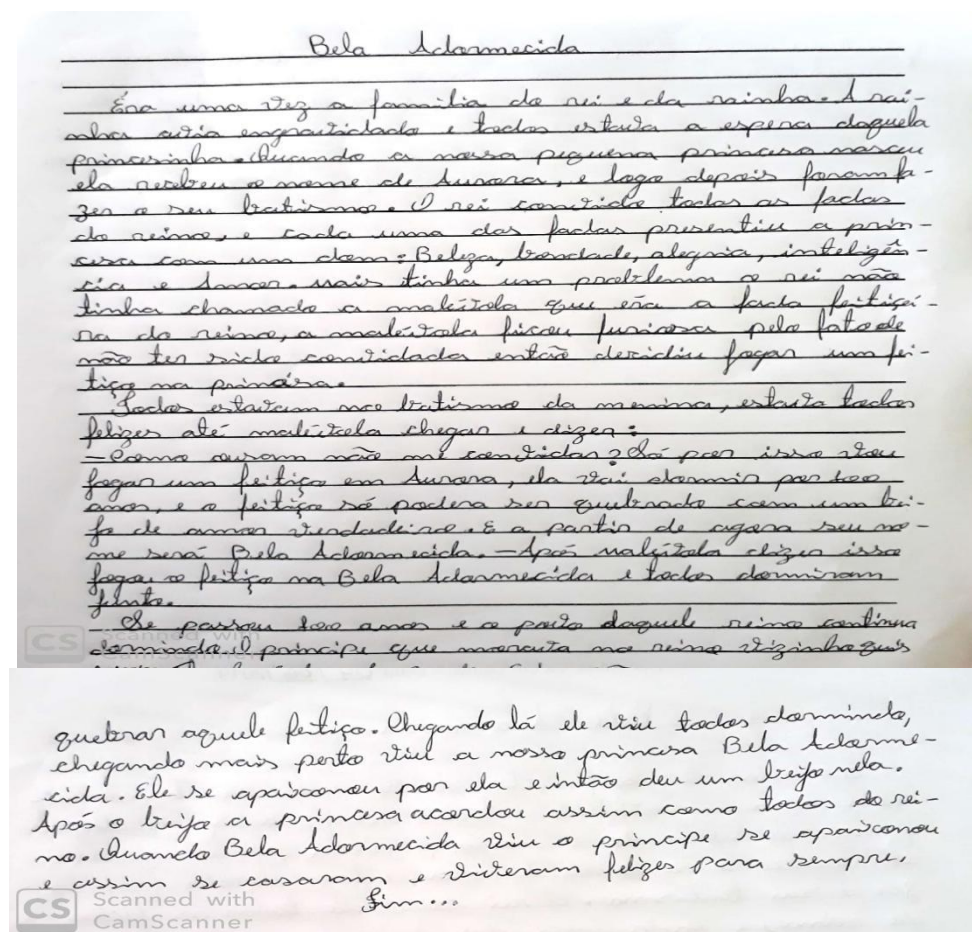


Imagem 3: Bela Adormecida.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras

Na imagem 4, o aluno usou a criatividade e produziu uma história usando como referência o conto dos *Três porquinhos*, em seu texto ele escreve sobre os *Três Jacarezinhos e o Javali*. Aqui as personagens também constroem casas para se protegerem do Javali (casa de pedra, madeira e areia), mas a casa que não se destrói é a mais frágil, diferente da história original.

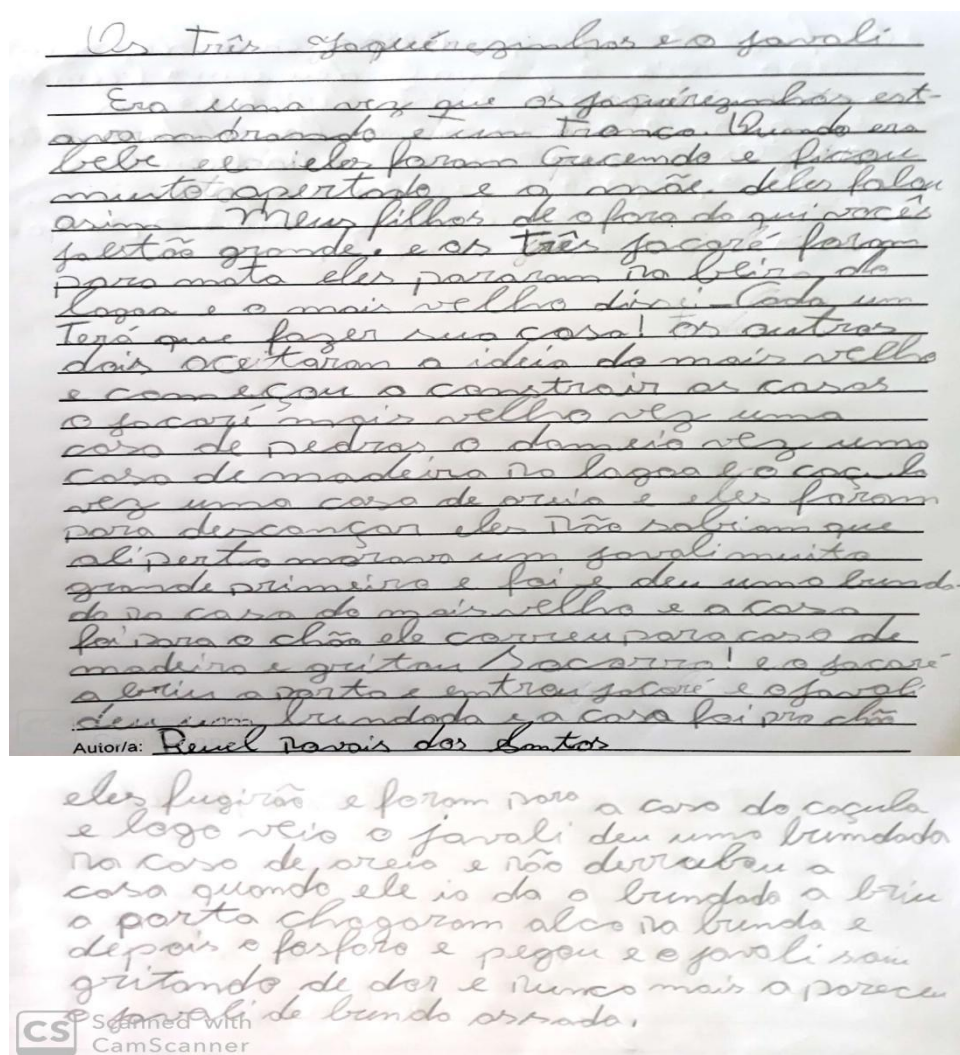


Imagem 4: Os três Jacarezinhos e o Javali.
Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

1º Módulo (2 aulas)

Foi realizada uma retomada rápida sobre a produção de texto proposta na aula anterior, perguntou-se quais foram as dificuldades encontradas em escrever um conto maravilhoso. Muitos alunos responderam que não tiveram dificuldades e outros relataram que não sabiam o que era o gênero, “que conheciam só contos de fadas e fábulas”.

Após a conversa com a turma, foi conceituado formalmente o gênero conto maravilhoso.

Conceituando o gênero conto maravilhoso

Neste momento, foi estudado sobre o conceito de conto maravilhoso, sua estrutura e suas características.

Conceito de conto maravilhoso

Contos maravilhosos são narrativas em que algo mágico ou sobrenatural interfere no enredo e que retratam, em geral, a luta de um protagonista com um antagonista. Esse tipo de conto teve sua origem na tradição popular oral, mas atualmente também pode ser criado por autores individuais.

O russo Vladimir Propp (1928), estudando os contos maravilhosos, observou que algumas situações se repetem em quase todos os contos de fadas. Vejam algumas delas:

- 1) o herói se distancia do lar
- 2) o herói adentra o bosque ou a floresta
- 3) o herói cai numa armadilha
- 4) há luta entre herói e vilão
- 5) o herói vence o vilão ou
- 6) o herói é vencido pelo vilão
- 7) o herói volta para casa
- 8) o vilão é punido
- 9) o herói se casa

São histórias sem a presença de fadas. Desenvolvem-se também num ambiente mágico (animais, gênios, plantas, objetos mágicos e duendes). Enfatizam a parte material, sensorial e ética do ser humano. Têm por objetivo a realização do herói ou da heroína mediante conquista de tesouro e outros bens materiais.

Quadro 1: Conceito de conto maravilhoso

Fonte: linguagemsemfronteiras.blogspot.com

Estrutura do conto maravilhoso

Introdução: O conto maravilhoso inicia com os personagens vivendo uma situação, num tempo e num lugar nem sempre muito bem definidos.

Desenvolvimento: Durante esta fase há sempre um problema que provoca o conflito e todos os outros problemas existentes na narrativa do conto maravilhoso.

Problema responsável pelos conflitos no conto *O Príncipe Sapo*: a princesa tenta enganar o sapo, mas não consegue.

Uma das características que mais identificam o conto maravilhoso é o aspeto temporal em que se pode reconhecer a conhecida frase “*Era uma vez*”. Esta frase indica que a história aconteceu no passado, mas não situa o momento preciso desse passado. É impossível saber quando tudo aconteceu e quanto tempo durou a ação.

Resolução dos conflitos ou conclusão

A narrativa oral apresenta um tipo de final que deve existir em toda história, ou seja, nenhuma história pode terminar sem a resolução dos conflitos. Por isso é que o final feliz é a marca registrada deste tipo de história.

Características do conto maravilhoso

- ❖ **Tempo indeterminado:** Ex.: Era uma vez.... Há muito tempo atrás...
- ❖ **Cenário:** reinos, castelos, bosques e florestas
- ❖ **Personagens:** reis, rainhas, príncipes e princesas, camponeses, bruxas, madrastas
- ❖ **Vocabulário:** norma culta, tempos verbais em desuso, palavras “antigas”

Quadro 2: Estrutura do conto maravilhoso

Fonte: saladeaulaprofessoraclara.blogspot.com

Após lerem as definições, os alunos discutiram sobre as características do conto que eles já conheciam e as que eles estavam aprendendo naquele momento, ampliando seus conhecimentos acerca do gênero estudado. Neste momento, houve estudantes que perceberam que produziram ou parafrasearam um conto de fadas ou fábulas, mas não um conto maravilhoso. Os contos de fadas que os alunos escreveram foram:

- ❖ A Cinderela- 7 alunos

- ❖ A Bela Adormecida- 6 alunos
- ❖ Rapunzel- 7 alunos
- ❖ A Bela e a Fera- 3 alunos
- ❖ Branca de Neve e os Sete Anões - 3 alunos
- ❖ As fábulas que os estudantes produziram foram:
- ❖ A Lebre e a Raposa- 2 alunos
- ❖ O Leão e o Ratinho- 2 alunos
- ❖ Os três Jacarezinhos e o Javali- 1 aluno

2º Módulo (2 aulas)

Fez-se uma retomada sobre o assunto da aula anterior e os alunos se mostraram bastante curiosos sobre o gênero conto maravilhoso.

Atividades de ampliação do conhecimento:

Nesta aula foi mostrada aos alunos a diferença entre conto de fadas e conto maravilhoso, algo que confundiu bastante os estudantes na primeira produção. Lemos o conceito e transcrevemos na lousa algumas diferenças entre os dois tipos de contos. Entre elas estavam:

Conto de fadas	Conto maravilhoso
Origem celta.	Origem oriental.
O herói ou heroína tenta vencer obstáculos para alcançar a autorrealização.	Problemática social. O herói ou heroína encontrará a realização na conquista de bens e poder material.
A aventura parte de uma metamorfose ou encantamento.	A aventura parte da necessidade de sobrevivência física ou miséria dos protagonistas.

Quadro 3: Diferenças entre conto de fadas e conto maravilhoso

Fonte: droliveirasantos.blogspot.com

Foi explicado aos alunos que os contos de fadas se caracterizam pela busca do herói pela realização pessoal, nesta busca ele enfrenta contratempos, adversidades e

geralmente é ajudado por uma fada para alcançar o seu ideal que é o amor. Há fadas que podem dificultar a vida do herói e são conhecidas como bruxas. Há uma batalha entre o bem e o mal e o bem sempre vence.

Nos contos maravilhosos, o protagonista ou antagonista partindo da pobreza quer ascender socialmente e na busca pela riqueza acontecem as aventuras. As fadas não integram o universo maravilhoso desses contos, há outros elementos mágicos, como: duendes, animais e objetos falantes, entre outros.

Após estabelecer as diferenças, foram mostrados alguns exemplos de contos maravilhosos, como: As mil e uma noites, Aladim e a lâmpada maravilhosa, O gato de botas, A guardadora de gansos, Ali Babá e os quarenta ladrões.

Percebeu-se por meio desta atividade que os alunos perceberam as diferenças existentes entre os contos de fadas e os contos maravilhosos.

Módulo 3 (2 aulas)

Atividade de sistematização do conhecimento

Interpretação de texto

Neste momento foram realizadas a leitura e a interpretação do conto “A princesa e a ervilha”. Uma das atividades propostas era fazer uma releitura por meio de desenhos sobre o conto. Observa-se que os estudantes conseguiram perceber o espaço em que se passa a história (o castelo e o quarto da princesa) e também a personagem protagonista, que é a princesa. Na imagem 6, a aluna desenha os colchões e a ervilha que na história é a maneira de provar a realeza da moça (resolução do conflito). Seguem duas ilustrações dos alunos:



Imagem 5. Ilustração do conto “A princesa e a ervilha”

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras



Imagem 6. Ilustração do conto “A princesa e a ervilha”.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras

Módulo 4 (4 aulas)

Identificação dos conhecimentos prévios

Nesta aula houve conversas informais com os alunos e foram levantados alguns questionamentos, como: Qual estado vieram? Se a maneira de falar desse estado é diferente da nossa?

Houve várias respostas e participações dos alunos. Muitos responderam que nasceram em Lucas do Rio Verde-MT, porém os pais vieram das regiões sul e nordeste

do Brasil. Alguns alunos relataram que vieram do Maranhão, e que lá as pessoas falam de maneira diferente.

Neste momento, relembramos que a cidade de Lucas do Rio Verde foi colonizada por sulistas que vieram em busca de terras para plantarem e depois de alguns anos vieram também migrantes da região nordeste do Brasil, como Maranhão, Bahia, Alagoas e junto trouxeram também sua cultura e linguagem próprias de cada região.

Logo em seguida foram lançados outros questionamentos: Existe diferença entre falar e escrever? Escrevemos como falamos? Houve participação e vários alunos disseram que não escrevem da mesma forma que falam, que a fala é mais livre.

Foi lançada outra pergunta: Existem maneiras de falar mais importantes ou mais corretas que as outras? Um aluno disse que sim, “que um advogado ou um professor fala mais corretamente”.

Neste momento aproveitou-se para dizer aos alunos que na língua não existe “certo ou errado”, mas formas adequadas e inadequadas de falar, dependendo da situação comunicativa. Foi explicado, ainda, que devemos respeitar as diferentes maneiras de falar. Falou-se das linguagens de grupos específicos, como os skatistas, os fanqueiros, médicos e sobre a linguagem regional.

Depois de várias discussões, foram apresentados à turma os conceitos de Variação linguística e preconceito linguístico.

Construindo o conceito

Em seguida foi construído o conceito de variação linguística e foram focadas as variações regionais e as variações culturais ou sociais. Neste momento, os alunos começaram a dizer palavras ligadas ao seu dia a dia como: lacrou, resenha, saquei, só que não, affs, moo legal, irado, dar um rolé, rolezinho, bater um fio, antenado, azaração, pagar mico, bagulho, ficar, entre outras. Foi lido o quadro abaixo com os conceitos das variações:

Variações regionais: São os chamados dialetos, que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões. Como exemplo, citamos a palavra mandioca que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim. Figurando também esta modalidade estão os sotaques ligados às características orais da linguagem.

Variações sociais ou culturais: Estão diretamente ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa. Por exemplo, citamos as gírias, os jargões e o linguajar caipira. As gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros. Os jargões estão relacionados ao profissionalismo, caracterizando um linguajar técnico. Representando a classe, podemos citar os médicos, advogados, profissionais da área de informática, dentre outros.

Quadro 4: Diferenças entre variações regionais e variações sociais

Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br

Logo em seguida, ouvimos a música do grupo Mamonas Assassinas *Chops Centeis* e foram feitos alguns questionamentos, como: Quais palavras aparecem diferentes? O grau de escolaridade da personagem? A profissão? A classe social a que pertence? A que região do país a personagem provavelmente pertence?

Na sequência, os alunos leram os seguintes textos:

Texto I: Tipos de Assaltantes:

ASSALTANTE PARAIBANO:

Ei, bichim...

Isso é um assalto...

Arriba os braços e num se bula, num se cague e num faça munganga...

Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim, se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora...

Perdão meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia.

ASSALTANTE BAIANO

Ô meu rei... (pausa)

Isso é um assalto...(longa pausa)

Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa)

Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado...

Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa)

Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado.

Não esquenta, meu irmãozinho, (pausa)

Vou deixar teus documentos na encruzilhada.

ASSALTANTE MINEIRO

Ô sô, prestação... isso é um assalto, uai.

Levanta os braços e fica quetin quêsse trem na minha mão tá cheio de bala...

Mió passá logo os trocados que eu num tô bão hoje.

Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!

ASSALTANTE CARIOCA

Seguiiiinnte, bicho ...

Tu te ferrou, mermão. Isso é um assalto. Perdeu, perdeu!

Passa a grana e levanta os braços, rapá .

Não fica de bobeira que eu atiro bem pra caramba...

Vai andando e se olhar pra traz vira presunto.

ASSALTANTE PAULISTA

Ôrra, meu

Isso é um assalto, mano

Levanta os braços, mano...

Passa a grana logo, mano.

Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pá comprar o ingresso do jogo do Curintia, mano ...

Pô, se manda, mano... .

ASSALTANTE GAÚCHO

O guri, ficas atento ...

Bah, isso é um assalto .

Levanta os braços e te aquieta, tchê!

Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa os pilas prá cá!

E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

Quadro 5: Texto 1 Tipos de assaltantes

Fonte: (Autor desconhecido – texto que circula na internet)

Texto II

Causo de mineirim

Sapassado, era sessetembro, taveu na cozinha tomano uma picumel e cuzinhano um kidicarne cumastumate pra fazer uma macarronada cum galinhassada. Quascaí desusto quanduvi um barui vindedenduforno, parecenum tidiguerra. A receita mandopô midipipocadenda galinha prassá. O forno isquentô, o mistorô e o fiofó da galinhispludiu! Nossinhora! Fiquei branco quineim um lidileite. Foi um trem doidimais! Quascaí dendapia! Fiquei sem sabê dondecovim, proncovô, oncontô. Oiprocevê quelocura! Grazadeus ninguém semaxucô!

Quadro 6: Texto 2 Causo de mineirin

Fonte: <http://bacaninha.cidadeinternet.com.br/home/mensagens/engraçadas>

Depois das leituras e discussões foram apresentados os seguintes vídeos disponíveis no youtube: “Sotaques brasileiros: como as pessoas acham que são”. “Sobre o preconceito, linguistas e a língua que falamos”. “É bem MT apresenta a origem do linguajar cuiabano”.

Em seguida, os alunos foram separados em duplas e a proposta foi que eles reescrevessem um conto maravilhoso utilizando a linguagem das regiões mencionadas nos textos lidos e nos vídeos assistidos por eles.

Sistematização do conhecimento e produção final (6 aulas)

Nesta aula os alunos sentaram-se em duplas para reescreverem um conto maravilhoso usando a linguagem das regiões estudadas anteriormente. Os estudantes escolheram a região com que mais se identificavam e conheciam, também podiam escolher a região de sua descendência. Após a refacção textual, na qual foram trabalhadas as questões dos conectores, interligação de ideias, a paragrafação, a

ortografia e a concordância verbal (as maiores reincidências da turma), as duplas leram os contos para os colegas. Seguem alguns contos produzidos pelos alunos:

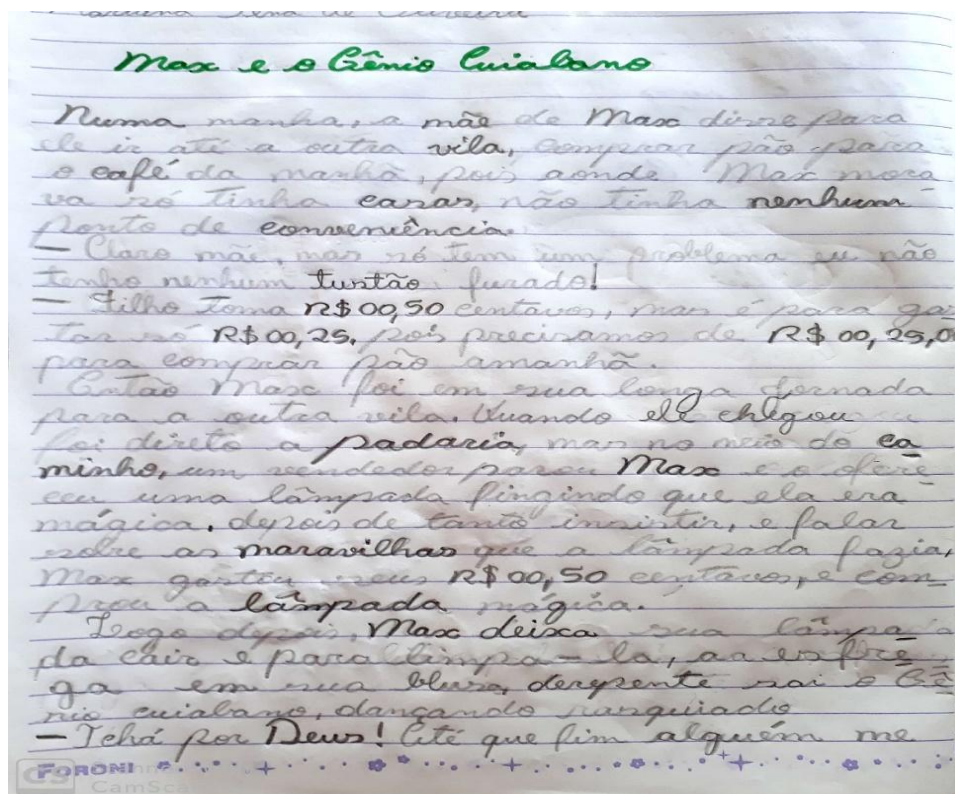


Imagem 7: Max e o Gênio Cuiabano.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

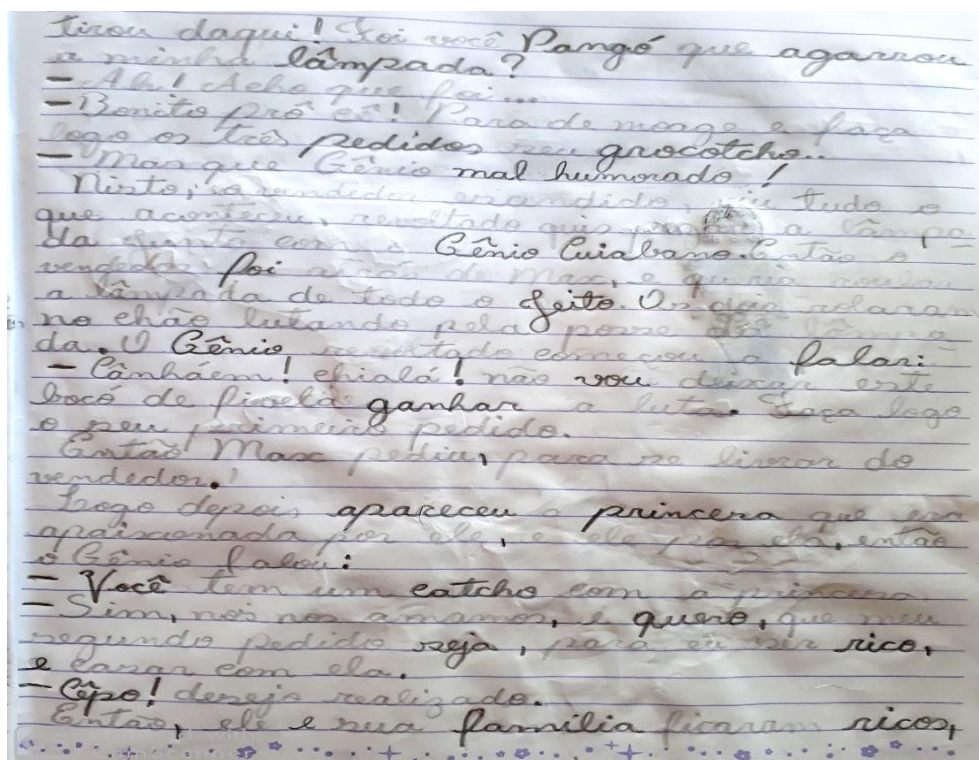


Imagem 8. Título: Max e o Gênio Cuiabano.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

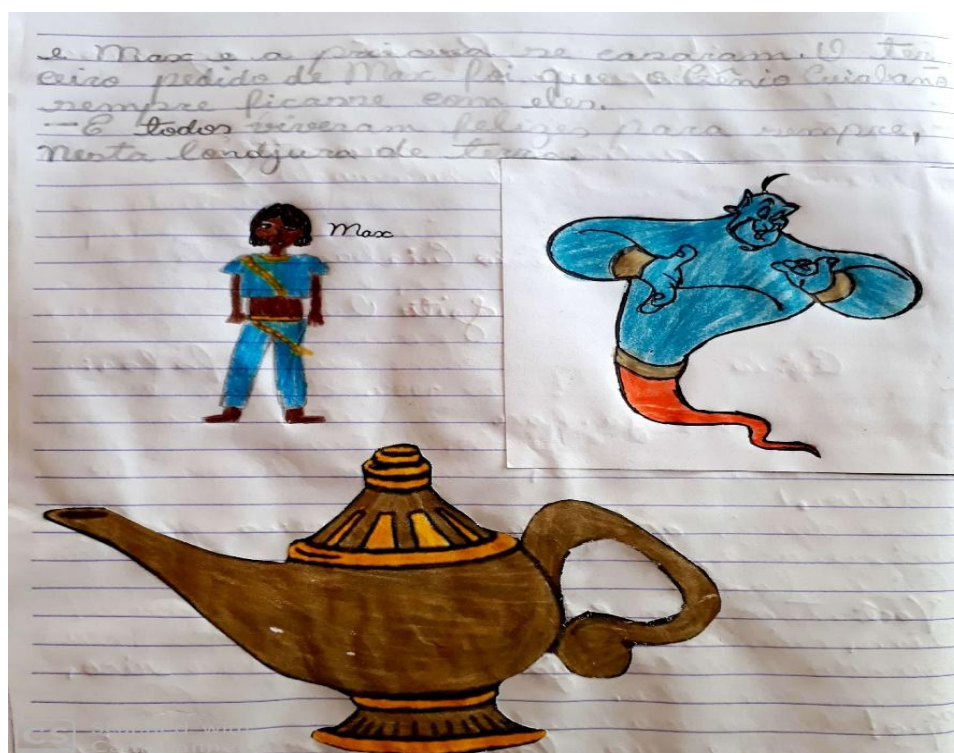


Imagem 9. Ilustração do conto.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

Neste texto intitulado *Max e o Gênio Cuiabano*, a dupla fez uma releitura do conto maravilhoso *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Pode-se observar que usaram a linguagem típica de Cuiabá nas falas do gênio. A dupla entendeu a proposta e incorporou na narrativa uma variedade regional, muito conhecida por elas, pois ambas têm origem cuiabana.

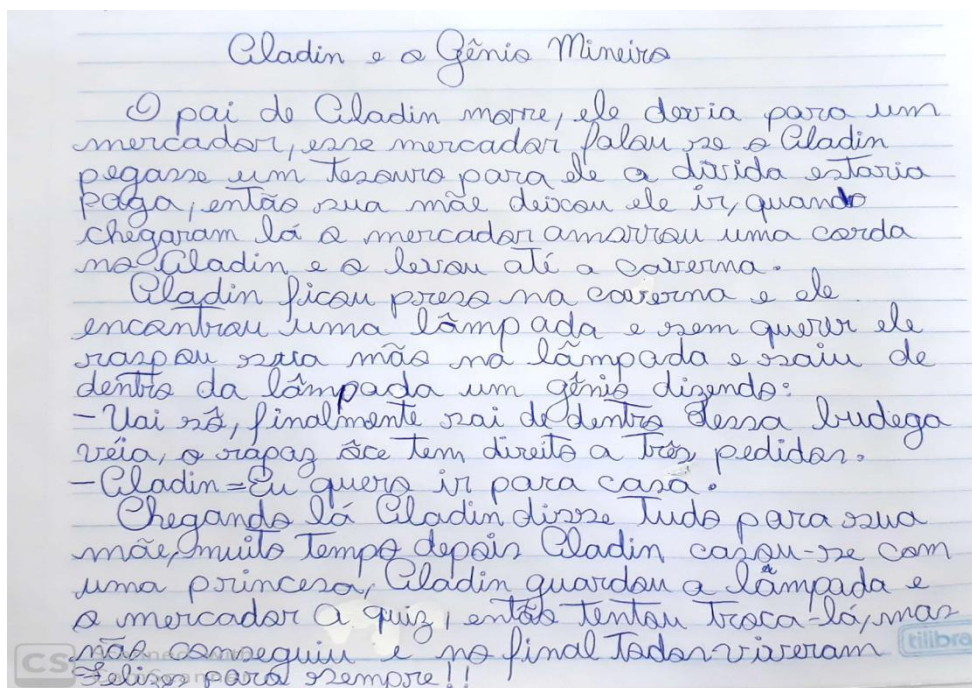


Imagem 10: Aladim e o Gênio Mineiro.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

Na imagem 10, a dupla usou a variedade linguística do estado de Minas Gerais para dar voz ao gênio da lâmpada mágica. Observa-se que os alunos usaram expressões como *Uai sô* e *ôce* para identificarem a personagem como Mineira.

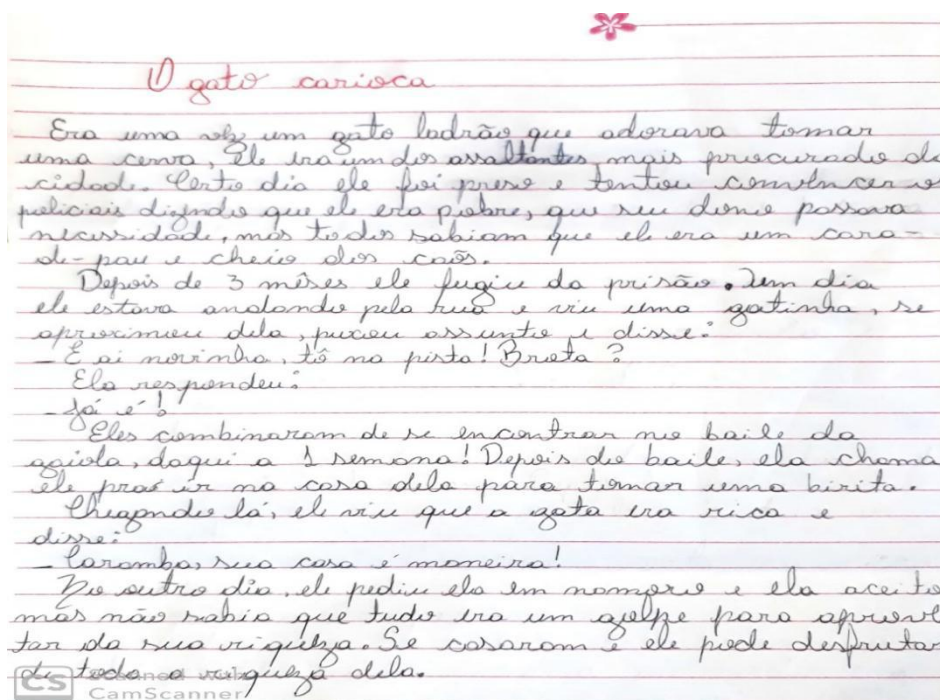


Imagem 11: O Gato Carioca.

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

Na imagem 11, as alunas fizeram uma releitura do conto maravilhoso *O Gato de Botas*. Elas escolheram a variedade linguística dos cariocas para escreverem seu conto. Observa-se que o *Gato Carioca* é esperto e malandro como o *Gato de Botas*. O interesse maior dele é ficar rico não importa de qual maneira.

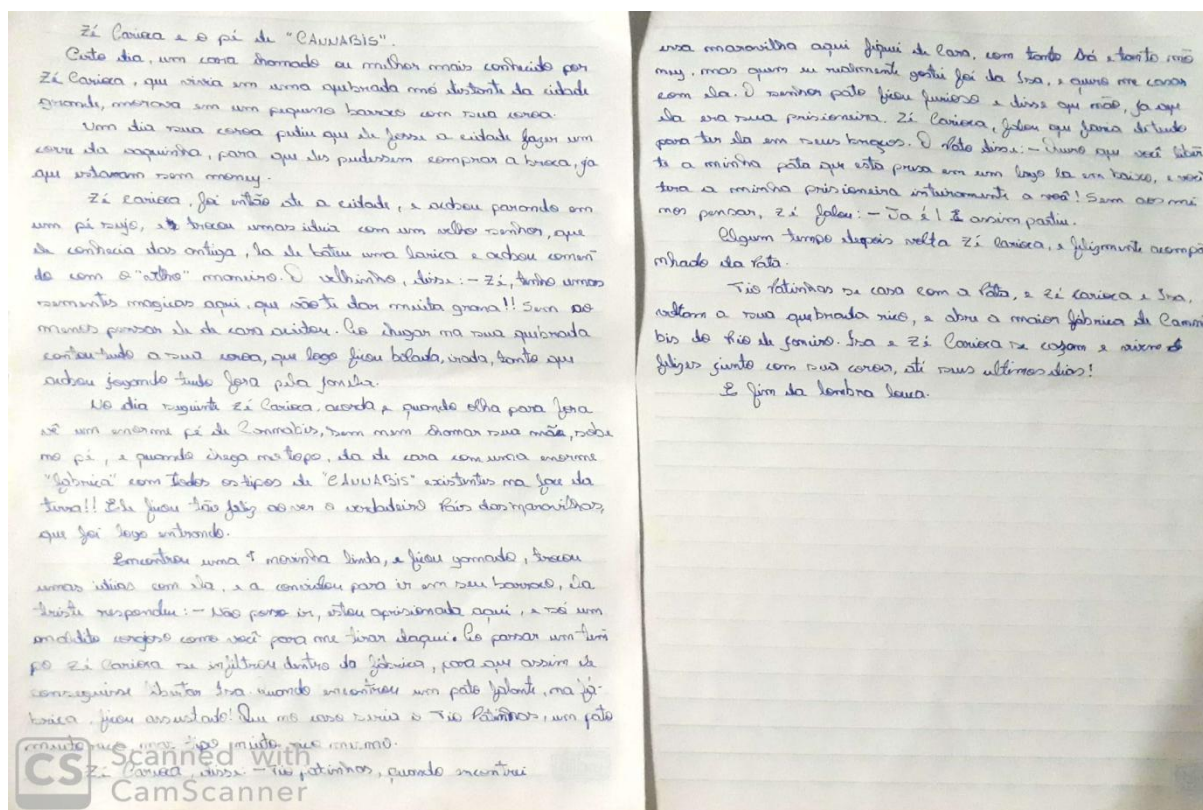


Imagem 12: Zé Carioca e o pé de cannabis.
Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras.

Na imagem 12, os alunos colocaram o nome da personagem de *Zé Carioca*, fazendo uma referência à naturalidade de quem nasce na cidade do Rio de Janeiro. Para produzirem o conto, eles usaram como base o conto *João e o pé de feijão*. Os alunos usaram várias palavras e expressões da variedade linguística carioca, como *já é*, *mó*, *pé sujo*, *broca*, entre outras.

Após as produções, os alunos fizeram uma roda de leitura e apresentaram seus contos. Foram muito produtivas as aulas e gratificante perceber o quanto os alunos podem aprender.

Com a aplicação da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), conseguimos atingir nossos objetivos que foi trabalhar com a variação linguística e o combate ao preconceito linguístico a partir do gênero conto maravilhoso. Lançamos a semente no conhecimento de cada aluno que participou desta sequência e temos a certeza que eles valorizarão à sua maneira de falar e também respeitarão as variações linguísticas que os cercam, desprezando qualquer forma de preconceito linguístico.

Procuramos ainda, no decorrer das atividades, mostrar aos alunos a norma culta que aparece no gênero trabalhado, explicando que é ela que dá a possibilidade de ascensão social e a escola precisa ensiná-la, porém deixando claro que a variedade linguística dos alunos é importante e não pode ser desprezada, pois:

Do ponto de vista pedagógico, não basta dizer que o português culto é a língua da escola, é preciso que o aluno esteja motivado a usar a língua da escola. O que se espera, então, do professor de português é que ele trabalhe o hiato que existe entre a variedade trazida pelo aluno de casa (que nunca deve ser taxada de “erro”) e a norma culta, no sentido da inclusão social do aluno e não no sentido da discriminação ou da exclusão. (GORSKI; COELHO, 2009, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a variação linguística em sala de aula e combater o preconceito linguístico não é tarefa fácil para o professor de língua portuguesa, os desafios são muitos. Lidar com o preconceito linguístico é algo complexo, pois envolve uma das habilidades mais sublimes e essenciais do ser humano, que é a linguagem. Nesse sentido, achar que não sabe falar o português ou que não consegue se comunicar bem, porque não compreende as regras da norma-padrão, é algo que precisa ser combatido nas escolas.

O ensino da língua precisa ser significativo, fazer o aluno compreender que o mais importante, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 73), é que “[...] a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias.”

Buscamos, por meio desta sequência, desenvolver estratégias para ensinar a variação linguística na sala de aula. Mostramos aos alunos diversas variedades regionais e sociais, utilizadas nas regiões brasileiras, assim como em diferentes contextos sociais e que todas têm suas particularidades e diferenças, mas que nenhuma é melhor ou mais importante que a outra. Todas têm o seu valor cultural.

Diante do exposto, fica evidente que podemos trabalhar a linguagem de forma diferente a que estamos acostumados, deixando de focar meramente nas regras e normas, mas valorizando a língua como patrimônio cultural de um povo, além disso mostrar que ela é heterogênea, mutável e dinâmica. Proporcionar aos alunos este aprendizado é fazê-los compreender que o preconceito não se justifica diante de tantas

riquezas linguísticas que temos no Brasil, que devemos respeitar a variedade do outro e ter orgulho da que utilizamos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC/Língua Portuguesa – Ensino Fundamental-Anos Finais. Brasília, MEC/ 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuh. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, V.10, n. 1, p. 73-91, 2009.

Referências Webgráficas

<https://aulasdelinguaportuguesaeliteratura.blogspot.com/2011/03/atividade-1-variacaoes>. Acesso em 05 Maio 2019.

<https://linguagemsemfronteiras.blogspot.com/2011/08/conto-maravilhoso.html>. Acesso em 11 Maio 2019.

<https://saladeaulaprofessoraclara.blogspot.com/2014/11>. Acesso em 4 Abril 2019.

<https://droliveirasantos.blogspot.com/2011/01/caracteristicas-dos-contos-de-fada.html>. Acesso em 20 de Abril 2020.

Submetido em: 28 maio 2020.

Aprovado em: 20 jun. 2020.